

DEBATENDO A ESTÉTICA DO CORPO: INTRODUÇÃO À DISCUSSÃO FILOSÓFICA

TADEU JOÃO RIBEIRO BAPTISTA

UFG, tadjrbaptista@uol.com.br

Já há algum tempo que a literatura da Educação Física e mesmo da Educação apresenta debates sobre a estética do corpo. Entretanto, boa parte desse debate se caracteriza por fazer uma associação entre a noção de beleza e o corpo, na qual, geralmente se tende a compreender a perfeição a partir de características como a juventude, a magreza expressa no baixo percentual de gordura e a musculatura definida, a pele branca, cabelos lisos e claros, olhos menos escuros. Estas características têm sido criticadas pela literatura (SOARES, 2001; VIEIRA; SOUZA, 2002; HASSE, 2009, para citar alguns exemplos), e muitas vezes se questiona a própria condição de beleza ou de padrão de beleza em uma dada sociedade (FREITAS et al, 2010).

Desse modo, esse ensaio baseado em estudos bibliográficos pretende questionar como a Educação Física pode contribuir para que os seus alunos nos diferentes espaços de intervenção profissional, contribuam para novas formas de se olhar para o corpo?

Ainda que de maneira introdutória, uma vez que, este é um estudo em andamento, o objetivo central deste trabalho é fazer uma análise das concepções de beleza a partir de alguns autores, os quais podem contribuir para este debate. O primeiro deles é Kant (2003), o qual enfoca a noção de estética predominantemente no sujeito. Em outras palavras, para este autor na relação entre sujeito e objeto, tendo como referência a compreensão do que é belo, a mesma se manifesta predominantemente no sujeito, trazendo para a Estética o seu caráter mais subjetivo, discurso muito frequente e que coaduna com a frase do poeta espanhol Ramón de Campoamor Y Campoosorio (1817-1901): “A beleza está nos olhos de quem a vê”.

De outro lado, tem-se a compreensão estética de Hegel (1989), para quem a Estética é uma “ciência dos significados e das sensações”. Apesar dessa compreensão, este autor identifica a presença do belo também no cotidiano, como uma manifestação de um trabalho acima da beleza natural das coisas e, fruto do trabalho humano, considerando que para este autor, o trabalho é a expressão de uma consciência proveniente de um espírito absoluto (HEGEL, 2003).

Por outro lado, Marx (2010) concorda com Hegel a respeito da noção de que a estética é uma produção humana, todavia, nas condições específicas do modo de produção capitalista, a beleza se torna um bem apenas para burguesia, enquanto para os trabalhadores só resta a feiura. Assim, a beleza como produção humana se torna propriedade de uma classe específica.

Para Adorno (1970), a estética tem a sua dimensão subjetiva e também objetiva, ele considera que a determinação da estética acaba passando pelas determinações econômicas e é disseminada pela indústria cultural. No entanto, para ele, a tentativa de a moça da esquina se tornar “bela” como a atriz, provoca na realidade, repugnância, considerando que aquela é um arremedo desta.

Assim, ao olhar, ainda que introdutoriamente para o debate da estética dialogando com o corpo em aspectos mais filosóficos, a beleza tem que ser repensada, não apenas por aspectos

subjetivos, como também por aspectos objetivos, sem deixar de considerar que cada pessoa possui a sua própria beleza natural, e focar este ponto seria uma possibilidade de os professores de Educação Física se insurgirem contra os “padrões” estabelecidos pela indústria cultural.

Palavras-Chave: Corpo. Estética. Educação Física.

Referências

ADORNO, Theodor W. Teoria estética. Lisboa: Edições 70, 1970.

FREITAS, Clara Maria Silveira Monteiro de et al. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. **Rev. bras. educ. fís. esporte (Impr.)**, v. 24, n. 3, p.389-404, Set 2010.

HASSE, Manuela. Branca, limpa e alinhada: a ressignificação da natureza no processo de transformação do corpo feminino (1938-1972). In: GRANDO, B. S. (Org.). **Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser**. Ijuí: Ed. Da Unijuí, 2009, p.53-73.

HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. 2. ed. rev. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/USF, 2003, v. Único.

HEGEL, Georg W. F. **Lecciones de estética**. v. I. Barcelona: Edicions 62, 1989. Disponível em: <https://www.doooss.org/libros/HEGEL.pdf>. Acesso em 02 Jul. 2018.

KANT, Immanuel. **Crítica del juicio**. Madri: Biblioteca Virtual Universal, 2003. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/89687.pdf>. Acesso em: 02 Jul. 2018.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 4. Reimp. São Paulo: Boitempo, 2010.

SOARES, Carmem L. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Yara M. & RÚBIO, Kátia. **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 53-74.

VIEIRA, Adriane; SOUZA, Jorge Luiz de. A moralidade implícita no ideal de verticalidade da postura corporal. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 133-148, maio 2002.